



ENTRE PRECONCEITOS E LAÇOS: O INDIVÍDUO LGBT+ EM CONTEXTO SOCIAL

Between preconceptions and ties: the LGBT + person in social context

Beatriz Mizuta Printes¹, Luana Comito Muner²

RESUMO

O preconceito relacionado a diversidade afetiva em indivíduos LGBT+ pode ocorrer em diversos contextos, muitas vezes iniciando com segregações no contexto familiar, omissões no contexto escolar, e inferiorização no contexto profissional, tais atitudes podem acontecer de forma sutil ou violenta, e interferem diretamente em como o indivíduo LGBT+ se relacionará com as pessoas em seu entorno. O presente trabalho busca elucidar as dificuldades pelas quais os sujeitos não heteroafetivos se deparam nas mais diversas esferas, e como os efeitos destas atitudes podem afetar a sua saúde física e mental. Trata-se de uma pesquisa que utiliza a revisão bibliográfica básica como recurso técnico para compreender a dinâmica destas relações. A questão do preconceito para com os indivíduos LGBT+, ainda atualmente, é um dos fatores pelos quais esses indivíduos temem se relacionar mais intimamente com outras pessoas sendo, também, um agravante em relação a ocorrência de depressão e ansiedade.

Palavras-chave: Preconceito. LGBT+. Homoafetividade. Diversidade Afetiva.

ABSTRACT

Prejudice related to affective diversity in LGBT + individuals can occur in several contexts, often starting with segregation in the family context, omissions in the school context, and inferiority in the professional context, such attitudes can happen in a subtle or violent way, and directly interfere in how the LGBT + individual will relate to the people around them. The present work seeks to elucidate the difficulties that non-hetero-affective subjects face in the most diverse spheres, and how the effects of these attitudes can affect their physical and mental health. It is a research that uses the basic bibliographic review as a technical resource to understand the dynamics of these relationships. The issue of prejudice towards LGBT + individuals, even today, is one of the factors why these individuals fear to relate more closely with other people and is also an aggravating factor in relation to the occurrence of depression and anxiety.

Keywords: Preconception. LGBT+. Homoaffectiveness. Affective Diversity.

1 INTRODUÇÃO

A sigla LGBT+ é uma das formas mais curtas e mais utilizadas da sigla, de modo a facilitar a conversação sem excluir as demais orientações não-heteroafetivas, todavia, é de fundamental importância conhecer de forma mais clara possível a quem cada letra se refere. As letras L e G, respectivamente, remetem a Lésbicas e Gays, indivíduos cuja afetividade é voltada para pessoas do mesmo sexo. A letra B por sua vez, remete a indivíduos cuja afetividade é voltada para ambos os sexos, e a letra T possui mais de uma definição, podendo remeter a pessoas Transgênero, indivíduos cuja identidade de gênero não condiz com o sexo de nascimento, optando por fazer a transição de gênero, e Travesti, que não se identifica com seu gênero de nascença, fazendo uso da expressão de gênero, mas não necessariamente modificando as características corporais cirurgicamente.

É de grande importância ressaltar que há outras orientações inclusas no “+” da sigla LGBT+, como a Assexualidade, que representa a ausência de interesse sexual por outros indivíduos

¹ Psicóloga graduada pela Faculdade Cathedral de Ensino Superior (Boa Vista-RR). E-mail: beatrizmizuta@gmail.com

² Doutoranda em Distúrbios do Desenvolvimento na Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo-SP), docente do curso de Psicologia da Faculdade Cathedral (Boa Vista-RR), Mestra e Graduada em Psicologia pela Universidade São Francisco (Itatiba-SP). E-mail: luanamuner@gmail.com

independente do gênero e a Pansexualidade, que se dá pela atração independentemente do sexo e gênero do outro indivíduo. Não é possível mensurar com exatidão quantas variações de orientação afetiva e sexual existem em nossa sociedade atual, pois as pessoas se encontram em constante evolução e consequentemente descobrindo mais sobre suas diversas formas de afetos e desejos, mas pode-se dizer que as orientações mais conhecidas são a heteroafetividade, a homoafetividade a bissexualidade e a assexualidade. Todas essas orientações se dão também por afeto, não podendo ser reduzidas apenas a atração sexual de um indivíduo para com o outro.

Na realidade vivenciada em nosso país, a intolerância tornou-se comum nos diversos grupos sociais, sendo os atos preconceituosos até mesmo estimulados pelas figuras de poder pertencentes aos diversos âmbitos políticos e midiáticos. Tais indivíduos acreditam que são dotados de um poder que os permite ditar sobre como os outros devem viver, desconsiderando a diversidade e fechando-se na visão limitada de sua própria experiência e convicções. Porém, quando se está envolto no coletivo, não é possível desconsiderar que cada um possui vivências distintas e uma maneira única de pensar e sentir, que inviabiliza a marginalização dos demais indivíduos.

É muito comum em nossa sociedade que a partir do momento em que se descobre que uma nova vida está sendo gerada, elevem-se as expectativas dos parentes, amigos e dos próprios genitores acerca do sexo e principalmente da expressão de gênero a qual ele deve supostamente submeter-se a partir do momento em que vem ao mundo. Espera-se que o indivíduo constitua uma família, tenha uma vida profissional notável, assim como crenças espirituais e religiosas que sigam as tradições familiares que são consideradas exemplares, corretas.

Ao passo em que o indivíduo LGBTQ+ se desenvolve cognitivamente e emocionalmente, a heteronormatividade e a diversidade afetiva entram em pauta e consequentemente em conflito. Com a quebra da figura do filho idealizado, até o lar mais acolhedor pode tornar-se disfuncional, acarretando sofrimento psíquico significativo ao indivíduo LGBTQ+. Além de ter que lidar com as próprias questões acerca da sua orientação afetiva e seu futuro, esse indivíduo precisa lidar com algo ainda mais doloroso: a falta de suporte familiar, que marginaliza, adocece e minimiza o indivíduo, estereotipando-o.

O preconceito, como manifestação de exclusão baseada sobre uma ideia generalista e heteronormativa acerca da orientação afetiva, é um dos principais fatores que acarretam os medos e a insegurança na hora de expor essa orientação, então a partir do momento em que o indivíduo LGBTQ+ decide abrir-se e aceitar-se, ele decide também amar a si mesmo com todas as suas características. Em tese, tudo deveria funcionar melhor quando se tem coragem de aceitar suas nuances, todavia, a realidade é banhada por complicações advindas de terceiros, que acreditam possuir poder sobre a vida de outras pessoas.

Os indivíduos LGBTQ+, por décadas, vem lutando contra o preconceito e pela garantia dos direitos inerentes a todos os seres humanos indiscriminadamente, para que enfim possam sentir-se parte integrante da sociedade de fato. A partir deste estudo, pretende-se esclarecer alguns conceitos fundamentais acerca da diversidade afetiva e a interação social, assim como evidenciar em quais momentos dessas relações pode-se identificar o preconceito, seja ele na família, no ambiente de trabalho ou em qualquer outro círculo social. Fez-se presente então a necessidade de desmistificar e informar as pessoas acerca das diferentes orientações, contribuindo então para a produção de mais materiais científicos que aprimorem os conhecimentos de acadêmicos, profissionais e da sociedade de forma geral.

A partir deste ponto, se dá a necessidade de saber quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos indivíduos LGBTQ+ nas relações sociais partindo do seu desenvolvimento em um ambiente familiar inseguro. Os seres humanos possuem diferentes características, principalmente em relação a afetividade e a sexualidade, nas quais sabe-se que há uma cobrança social constante pela autoafirmação, desde muito cedo, e pelo desenvolvimento considerado por muitos um “padrão” da heteronormatividade. Não se pode deixar de levar em consideração o primeiro contato social, que ocorre no ambiente familiar, e como esse contato pode ser fundamental para o desenvolvimento

de uma forma de apego que refletirá em todas as outras interações sociais desse indivíduo ao longo da vida.

Entre as principais questões norteadoras desse tema, surgiu a necessidade de elucidar os objetivos da pesquisa, partindo de questões como as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos LGBT+ nas relações familiares e de que forma essas dificuldades afetam o bem-estar e as interações deste indivíduo para com os demais grupos sociais, assim como identificar o que é o preconceito contra a diversidade afetiva e como ocorre nos contextos sociais, compreender a importância do apego nas relações e analisar os transtornos mais comuns em indivíduos LGBT+ na atualidade.

Assim, para compreender a temática apontada, realizou-se uma pesquisa do tipo bibliográfica básica. Preliminarmente, para compor o Referencial Teórico foi realizada uma pesquisa em títulos de referência acerca do tema. E, posteriormente, utilizando-se das palavras-chave desta pesquisa (preconceito, LGBT+, homoafetividade e diversidade afetiva) buscaram-se artigos científicos que foram publicados em revistas indexadas na base de dados BVS-PSI, Scielo, PEPISIC, Lilacs e Bireme.

2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O CONCEITO DE LGBT+

A afetividade e a sexualidade, representam dois aspectos fundamentais nas relações entre os indivíduos, na construção da personalidade, e nas suas conquistas pessoais, portanto, necessitam ser valorizadas e compreendidas como parte importante e pertencente ao sujeito, que de certo modo o caracteriza. Em contrapartida as opressões advindas da não aceitação da diversidade afetiva acabam por estabelecer um padrão relacionado a esse aspecto que sobrepõe alguns indivíduos e marginaliza aqueles que não se adequam ao dito normal, resultando na exclusão de grupos como a população LGBT+. A realidade brasileira ainda enfrenta sinais de um preconceito estrutural, tão enraizado a ponto de parecer algo natural, podendo ser encontrado até entre os próprios indivíduos pertencentes aos grupos LGBT+, uns para com os outros. (PEDRA, 2018)

Historicamente, muitas foram as influências que deram suporte para a perpetuação das diversas orientações afetivas como transtornos de personalidade e de identidade de gênero, patologizando as mesmas. Os equívocos foram desde amostragens falhas, falta de embasamento científico, uso de medidas questionáveis e a postergação de alguns fatores sociais de grande relevância. (GONSIORREK, 1991). O ativismo político em busca de uma realidade menos discriminatória não se resumiu somente a méritos, tendo o início do movimento na Europa, mas seu estopim nos EUA, com o ataque violento a Stonewall, um local que era frequentado apenas por pessoas LGBT+. Pode-se então dizer que esse marco deu início a duas formas de viver para os indivíduos LGBT+, sendo uma delas vivida apenas em seu interior, e a outra no espaço público. (CHAUNCEY, 2002).

De acordo com Gonsiorek (1991) e Chauncey (2002) muito já se conquistou com o ativismo político e os avanços relacionados a sexualidade. A diversidade sexual e afetiva, com o passar das décadas, conseguiu se desvencilhar das garras dos indivíduos que queriam enquadrar os sujeitos LGBT+ a todo custo em quadros de doença, caracterizando as pessoas como disfuncionais e justificando a violência contra os LGBT+ como uma reação normal de repressão e marginalização ao que lhes parecia anormal, ao que representava uma ameaça para as famílias tradicionais. O ativismo político foi e ainda é de grande importância para esse movimento, e principalmente para todos os indivíduos que, na atualidade, sofrem preconceito por sua diversidade sexual e afetiva.

Faz-se importante ressaltar que a orientação afetiva e sexual diz respeito à forma como as pessoas se relacionam umas com as outras, já a identidade de gênero consiste na forma como cada indivíduo se enxerga. É fundamental, então, reconhecermos que cada indivíduo vai reunir em si esses dois fatores, portanto cada sujeito possui a sua própria orientação sexual e a sua própria identidade de gênero, sem que uma se sobreponha ou seja um fator determinante em relação a outra. A partir deste princípio torna-se impossível catalogar a população LGBT+ a partir de questões

sobre orientação afetiva, fazendo com que esses indivíduos se apresentem sempre como minorias nas pesquisas. A orientação afetiva determina como LGBTQ+ somente as lésbicas, os gays e os bissexuais. Travestis e transexuais não necessariamente têm orientação afetiva não hegemônica. A orientação afetiva é decorrente do gênero, não do sexo biológico do indivíduo. Em vista de tal fato, as mulheres trans e travestis que se atraem por homens são heteroafetivas, assim como homens trans que se atraem por mulheres também são heteroafetivos. E é possível, portanto, que uma pessoa trans seja também homo ou bissexual, pois são campos diferentes dentro da identidade afetiva. (INTERDONATO; QUEIROZ, 2017).

Traçar uma história acerca da afetividade e da sexualidade seria, antes de qualquer outra coisa, traçar uma história dos discursos ligados intimamente ao dispositivo da sexualidade em si. Trata-se do questionamento que tais discursos difundem e o que eles objetivam afirmar como verdadeiro. (FOUCAULT, 1988). Para que se possa ter uma compreensão mais ampla acerca da diversidade afetiva, inicialmente é necessário conhecer termos como “heteronormatividade”, criado por Michael Warner na década de 1990. Tal termo define a heteroafetividade como norma, legitimando que a partir da visão biológica seriam definidos os usos de gênero, e que estes já classificavam cada indivíduo com a orientação sexual e afetiva pré-estabelecida, afirmando também que o ser humano só estaria inteligível ao afirmar-se heteroafetivo. (MOREIRA, 2016).

Para Pedra (2018), Internonato e Queiroz (2017), a diversidade sexual e afetiva é um aspecto fundamental de todos os indivíduos e por tanto necessita de respeito e reconhecimento em relação a legitimação. Para Foucault (1988), a relação entre a sexualidade e a afetividade se dá inicialmente a partir do aparelho sexual. A busca por direitos iguais em relação a gênero, sexualidade e afetividade não tem como objetivo se sobrepor a qualquer outro movimento similar, mas sim a garantir os direitos fundamentais a existência humana, como o direito a segurança, a expressão de afeto sem julgamento, ao pleno reconhecimento da legitimidade de relacionamentos e adoções. Houve muitos avanços em relação a esta luta por igualdade ao passar dos anos, mas a busca constante pela não marginalização dos indivíduos que não se enquadram em um padrão ultrapassado como a heteronormatividade continuará enquanto estas barreiras existirem.

A partir das percepções de Moreira (2016; 2017) e Resende (2016), é de fundamental importância que se discorra sobre alguns termos usados para definir e diferenciar os grupos, e a forma como esses grupos agem uns sobre os outros. A heteronormatividade, por tanto, seria o grupo de indivíduos heteroafetivos, que seriam superiores aos homoafetivos a partir de explicações biológicas e reprodutivas. Todavia, sabe-se que o afeto e a sexualidade se conectam, mas não necessariamente com a única finalidade de reprodução. Mesmo que ainda haja resquícios de opressão em relação ao pensamento retrógrado heteronormativo, e que os estigmas preconceituosos ainda possam ser vistos na atualidade, o futuro ainda aguarda por novas conquistas.

3 PRECONCEITO E BULLYING CONTRA A DIVERSIDADE AFETIVA

Atualmente nosso país apresenta uma realidade cada vez mais complexa e, pode-se dizer que opressora também, quando se trata de diversidade afetiva, reconhecendo que as crenças da sociedade heteronormativa ainda fortalecem estigmas que reforçam atitudes preconceituosas para com os indivíduos LGBTQ+. Com o passar dos anos a ausência de aceitação relacionada a expressão da sexualidade e a diversidade sexual, pode ser facilmente identificada em discriminação disfarçada de opinião, tal preconceito e violência colocam os indivíduos gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgêneros e todos os demais em risco devido sua busca por igualdade de direitos. (RESENDE, 2016).

Podemos dizer que a discriminação contra as minorias tem um caráter estrutural quando identificamos a presença de alguns processos que não expressam atos individuais, mas sim forças sociais alimentadas por relações assimétricas de poder. Por esse motivo, podemos dizer que uma forma de

discriminação tem caráter estrutural porque faz parte da operação regular das instituições sociais, causando desvantagens em diferentes níveis e em diferentes setores da vida dos indivíduos. Ela também tem uma dimensão procedimental porque informa as políticas e procedimentos de instituições públicas e privadas, o que explica o seu caráter sistêmico. A discriminação estrutural adquire sua legitimação por meio de ideologias sociais que podem atuar para afirmar a inferioridade de um grupo, a harmonia entre a exclusão social e normas legais ou também para manter a invisibilidade social dessas práticas. (MOREIRA, 2017, p. 137).

Para Borrillo (2010), a homofobia pode ser definida como um termo que designa dois aspectos distintos da mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, manifestada pela rejeição de sua homoafetividade; e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, onde o objeto de rejeição não se dá pelo indivíduo homoafetivo em si, e sim pela homoafetividade como fenômeno psicológico e social. Diferenciar tais aspectos nos permite compreender melhor uma realidade muito difundida na atualidade que é tolerar e, até mesmo, em simpatizar com os membros do grupo estigmatizado, entretanto, considerando inaceitável qualquer política de igualdade a seu respeito.

O termo “homofobia” perdeu força com o passar dos anos e o avanço da ciência, dando lugar ao “preconceito contra a diversidade afetiva”, já que não se pode classificar o mesmo como uma fobia propriamente dita, mas sim como uma atitude preconceituosa carregada de estigmas que caracterizam um indivíduo negativamente. (COSTA; NARDI, 2015). Atitudes são compostas por afetos e crenças que carregam grande carga afetiva, mas também são aprendidas e tudo que se é aprendido através da interação com a natureza pode ser modificado. (VALA; MONTEIRO, 2004)

Para Borrillo (2010), a dimensão pessoal e a dimensão cultural são aspectos do preconceito que consistem em tolerar os indivíduos LGBT+, mas nada tem a ver com a aceitação destes quando o assunto é a busca por direitos. Já para Costa e Nardi (2015), o preconceito contra a diversidade afetiva se encontra ligada a intolerância e a estigmatização, não se relacionando a uma tolerância parcial. Atualmente o termo homofobia, muito usado quando se faz referência a violência, vem sendo substituído pelo termo preconceito pela diversidade sexual, que ainda deixa um pouco a desejar quando se entra na pauta da afetividade, mas que deixa claro que tem relação com o preconceito e não com uma fobia.

Ao ser colocada em discussão, o preconceito contra a diversidade afetiva entra em foco, como um fato recorrente no cotidiano de muitos indivíduos, e conseqüentemente uma forma de violência que deve ser combatida. Com a tomada de consciência de que a discriminação não se deve ao fato de o indivíduo ter algum problema, desvio ou doença, passou-se a compreender que a problemática não está diretamente ligada ao fato do indivíduo LGBT+ possuir uma orientação afetiva que foge a heteronormatividade, mas sim na existência do preconceito e na violência direcionada a esses indivíduos no cotidiano. O problema mora no indivíduo preconceituoso e na prática de atos discriminatórios. (BASTOS; GARCIA; SOUSA, 2017).

Da mesma forma que o racismo, a homofobia afeta uma variedade de dimensões da vida social e cultural, fazendo com que minorias sexuais sejam excluídas de diversas oportunidades profissionais e acadêmicas. Essa prática social opera pela construção da heterossexualidade como um padrão cultural a partir do qual as relações sociais são estruturadas. Nesse sentido, ela funciona da mesma forma que o racismo ao instituir características dos grupos majoritários como um padrão social para oportunidades sociais. Tendo em vista o fato de que a heterossexualidade é uma regra social, ela adquire um status de plena invisibilidade, a mesma

coisa que acontece com os ideais culturais brancos. Se o fato de ser branco é algo invisível para os que são assim classificados, a heterossexualidade é vivida como a expressão da normalidade. (MOREIRA, 2017 p. 127).

De acordo com Furlani (2010), as diversas orientações afetivas podem começar a ser compreendidas por meio de materiais paradidáticos relacionados a elas através da Educação Sexual nas escolas, buscando desconstruir a heteronormatividade imposta anteriormente, uma vez que a descoberta da homoafetividade se dá em grande parte na fase da adolescência, acarretando muitas dúvidas aos jovens que interrogam essa condição e exploram novas formas de expressões de seu desejo em experiências sexuais e afetivas intensificadas nesse período de transição. Para Borrillo (2009) ainda no ambiente escolar, é possível identificar a discriminação dos indivíduos heteroafetivos para com os indivíduos que se encaixam em qualquer outra orientação afetiva, que fuja do estereótipo heteronormativo.

Neste contexto, emergem os aspectos relacionais entre o *bullying* e o preconceito, considerando que as experiências negativas que são apresentadas por estudantes LGBT+ envolvem principalmente o *bullying* exercido de forma constante e persistente para com a afetividade deste sujeito. (TAKÁCS, 2006). Segundo alguns autores, o *bullying* com conotação preconceituosa pode tornar-se mais grave em relação ao *bullying* em geral, por possuir menos visibilidade e menos credibilizado do que as outras formas de *bullying*, inclusivamente pelos próprios tutores. De acordo com estudos, muitos estudantes LGBT+ não sentem segurança no ambiente escolar pois não podem confiar em seus tutores para auxiliá-los em momentos de *bullying* preconceituoso, sendo que estes, com frequência, deixam de comunicar tais situações a quem é de direito saber, para que se possa tomar alguma atitude. (RIVERS, 2001)

A nível de intervenção em situações de *bullying* com conotação preconceituosa, é possível constatar que apesar das situações serem presenciadas por terceiros, na maioria dos casos ninguém se mostra disposto a intervir, e apenas em poucas situações é pedido ao agressor que não reproduza tais comportamentos. Há ainda uma elevada percentagem de comportamentos que incentivam as atitudes violentas do agressor e desvalorizam a gravidade da agressão, como risadas, palmas e outros atos incentivadores que podem ser levados pelo agressor como insinuações de aprovação dos demais. Deve-se enfatizar que em grande parte das situações, os agressores acreditam que não há consequências em relação ao seu comportamento, ou seja, são raras as ocasiões em que estes sofrem qualquer tipo de sanção por seus atos. Neste sentido, verifica-se a falta de sensibilização para as questões do *bullying* e do preconceito entre os mais novos, permanecendo, muito provavelmente, crenças que legitimam tais atitudes e comportamentos agressivos para com os indivíduos que não correspondam aos papéis de gênero normativos ou que manifestem uma orientação não heteroafetiva. (ANTONIO et al, 2012)

Em relação a esfera escolar, para Furlani (2010), Borrillo (2009), Takács (2006) e Rivers (2001) as orientações sexuais e afetivas, assim como as discriminações vividas por indivíduos LGBT+ neste contexto são de fundamental importância. Dificilmente os pais conseguem ter uma relação aberta o suficiente com os filhos em relação a sexualidade e relacionamentos, já que desde cedo são impostos aos mesmos uma série de condições sobre como, onde e com quem se relacionar. Vala e Monteiro (2004), apresentam a ideia de que todos os comportamentos aprendidos podem ser modificados quando possuem os estímulos necessário, neste contexto cabe também ao ambiente escolar a desconstrução de preconceitos e tabus em relação aos relacionamentos e educação sexual, proporcionando assim um ambiente seguro para que o indivíduo possa buscar por informações corretas. Entretanto ainda há uma defasagem em relação a materiais didáticos com tais temáticas, juntamente com o tabu advindo de muitos educadores, fazendo com que os indivíduos não tenham acesso a essas informações, e assim fortalecendo os estigmas e propiciando o *bullying* contra indivíduos LGBT+.

4 A DIVERSIDADE AFETIVA DENTRO DO CONTEXTO FAMILIAR E SOCIAL

Para que se obtenha o apoio familiar, é necessário inicialmente que os pais ou responsáveis com quem o indivíduo LGBT+ tem maior proximidade saibam sobre a orientação afetiva destes, em um processo conhecido por *Coming Out*, que significa no sentido literal “Saindo”, ou no sentido da relação, seria o assumir-se como é, assumir sua identidade não heteroafetiva. Apesar das relações familiares possuírem a oportunidade de, com o passar do tempo, continuarem relativamente iguais ou até melhores após o *Coming Out*, este processo pode acabar trazendo também pontos negativos como a discriminação, e nestes casos o indivíduo pode ver-se sem nenhum suporte, sozinho para lidar com as situações que surgirem. (COHEN; SAVIN-WILLIAMS, 1996).

É através da auto anulação e exclusão que os indivíduos se fecham para qualquer oportunidade que possibilite a eles ter experiências relacionadas a sua vida afetiva, nesse contexto o preconceito contra a diversidade afetiva passa a ser considerado um mecanismo protetivo das fronteiras sexuais e de gênero, e pode ser usada como um meio que reproduz uma divisão de diferenças que legitimam e justificam a marginalização e a dominação de certos sujeitos. Portanto, ao anular-se, o indivíduo LGBT+ acaba por dar aos opressores o que esperam dele: uma máscara que esconde o seu verdadeiro eu e demonstra um gama de sentimentos que não lhe pertencem de verdade, deixando de vivenciar todas as experiências que deveria. (BLUMENFELD, 1992).

O ambiente familiar carrega grande carga afetiva, sendo difundidos os valores e tradições que o caracterizam como uma instituição, sendo assim, não se encontra livre da heteronormatividade, que acaba por ser um fator discriminatório em contato direto, o qual resulta na opressão do indivíduo LGBT+ dentro do próprio lar, fazendo com que ele questione seus sentimentos e percepções, e encontre dificuldades quanto a sua identidade. (OSÓRIO, 1996). De acordo com Bowlby (1989), o apego consiste em um mecanismo básico e biologicamente programado, logo um bom relacionamento familiar pode ser caracterizado desde antes mesmo do nascimento de um bebê, mas se consolida a partir do momento em que os laços de apego se formam com mutualidade.

O papel do apego envolve o conhecimento de que uma ou mais figuras de apego demonstram disponibilidade, de maneira geral, para atender as necessidades da criança, passando-lhe a segurança para que compreenda, mesmo tão nova, que há quem possa lhe dar suporte em suas necessidades. (CASSIDY, 1999). O relacionamento familiar é consolidado a partir deste contato, desenvolvendo-se então um vínculo afetivo genuíno o a partir da cognição, do cuidado e do amparo, assim constatando-se que o vínculo estabelecido nessa relação, dará o tom para todos os demais vínculos que o indivíduo tentará estabelecer futuramente. (BOWLBY, 1989).

O modo como se deu o vínculo, incluindo os padrões de apego que se manifestam na vida adulta nos diversos grupos sociais, ou como os laços são formados e mantidos pela família podem estar diretamente ligados com comportamentos apresentados diante da perda em uma situação de luto. A forma como o vínculo é rompido e os sentimentos advindos dessa ruptura estão ligados ao padrão de apego do enlutado, e mostram muito sobre como se deu o desenvolvimento da criança para com a família, correlacionando o apego e a perda da imagem do filho idealizado como um processo de luto. (CASSIDY, 1999).

Apesar do relativo crescimento da aceitação das minorias com afetividade não heteronormativa, a comunidade LGBT+ continua a enfrentar os estigmas sociais relacionados com a sua identidade sexual, estigmas estes constituídos por um conjunto de atitudes e emoções negativas sobre a homoafetividade que se encontram entrelaçados no panorama cultural e social da realidade em que vivemos. (PEDRA, 2018). Além do mais, um número vasto de homens e mulheres homoafetivos experienciam um enorme conflito entre aquilo que são os seus sentimentos, os seus valores no que diz respeito à sexualidade, afetividade, e à existência humana como um todo e aquelas que são as normas sociais existentes – um conflito denominado de discriminação internalizada. (PEREIRA; LEAL, 2005)

O ser humano, por ser social, possui a necessidade de relacionar-se e desenvolver conexões

que possibilitem trocas entre si, podendo produzir benefícios mútuos com o dar e receber de apoio. A essa troca, na qual os recursos são advindos de outras pessoas, denomina-se de apoio social este apoio social está intimamente relacionado a níveis mais elevados de saúde tanto física quanto mental e mais propriamente ao bem-estar subjetivo, agindo de forma positiva contra os efeitos dos sentimentos de tensão e aflição, auxiliando esses indivíduos na superação das dificuldades encontradas no cotidiano. (GONÇALVES et al, 2011)

Para Cohen, Savin-Williams (1996), Blumenfeld (1992) e Castañeda (2007) o âmbito familiar para o indivíduo LGBT+ é de grande importância, e quando as relações nessa esfera não fluem de forma pacífica, podem acarretar algumas complicações. Bowlby (1989) e Cassidy (1999) relacionam a formação de um vínculo afetivo consistente, a partir de um processo de apego seguro advindo da infância. O processo de *Coming Out*, que significa assumir sua sexualidade e afetividade, para os indivíduos LGBT+ é carregado de grandes preocupações em relação a aceitação, principalmente em relação a família, pois há duas formas com que geralmente as famílias lidam com essas informações: aceitando, com dificuldade ou não, e seguindo adiante, ou recriminando, excluindo, e por vezes desconsiderando. Quando ocorre a aceitação de forma positiva, o indivíduo LGBT+ sente-se finalmente acolhido e seguro para seguir adiante, ao contrário do que acontece quando o indivíduo é marginalizado ou forçado a usar uma máscara. A falta de aceitação e o medo faz com que muitos os indivíduos LGBT+ deixem seus lares para morar com parentes, em lares temporários e até mesmo fiquem em situação de rua.

5 A SAÚDE MENTAL DE INDIVÍDUOS LGBT+

De acordo com Castañeda (2007), uma emoção frequentemente reprimida pelos indivíduos LGBT+ é a raiva, pois estes indivíduos são o foco de agressões psicológicas contínuas. As gozações, piadas, etiquetas impostas e desvalorizações recorrentes e conscientes às quais são expostos todos os dias, devido ao preconceito contra a diversidade, obviamente os afeta, sem levar em conta as humilhações e violências verbais, psicológicas ou mesmo físicas pelas quais os indivíduos LGBT+ passam. Assim, os indivíduos homoafetivos interiorizam as violências físicas e emocionais que sofrem, reprimindo-as ou deslocando essa violência aos outros, em forma de projeção, ou a si mesmos, como introjeção - produzindo sentimentos depressivos e atitudes autodestrutivas.

Desta forma, o preconceito e discriminação para com os indivíduos LGBT+, quando internalizados, resultam na desvalorização de si mesmos, de suas habilidades, desejos e sonhos, deixando marcas destrutivas no indivíduo (MEYER, 1995). Assim, o indivíduo homoafetivo internaliza ideias, julgamentos e imposições sociais expressadas nos ambientes aos quais frequenta, presentes nas representações sociais do homem e da mulher, e divulgadas pelos meios, que apresentam a heteroafetividade como a norma e a homoafetividade como anormal e imoral. Estas ideias, julgamentos e imposições, quando internalizados irão opor-se aos desejos sexuais e à identidade afetiva do indivíduo (CASTAÑEDA, 2007).

A depressão e a ansiedade são dois dos transtornos com maior ocorrência em indivíduos LGBT+, devido ao seu histórico de violência e repressão internalizados. (CASTAÑEDA, 2007). De acordo com o DSM-V, o termo depressão é utilizado para se referir aos transtornos depressivos de forma geral, que se caracterizam pelo sentimento de tristeza persistente que passa a interferir no funcionamento cotidiano do indivíduo, resultando na perda do interesse relacionado a atividades que antes lhe eram prazerosas, podendo ocorrer por um breve ou longo período de tempo. A causa exata é desconhecida, mas envolve uma série de fatores como alterações nos níveis de neurotransmissores, alteração da função neuroendócrina e fatores psicossociais. O diagnóstico pode ser obtido através de acompanhamento com um profissional da psicologia e o tratamento geralmente inclui medicações e psicoterapia. (APA, 2014).

Em relação aos transtornos de ansiedade apresentados no DSM-V, incluem transtornos que tem como características principais o medo e ansiedade em excesso, com perturbações

comportamentais relacionados. O medo consiste em uma resposta emocional a ameaça do presente, enquanto ansiedade é a antecipação de uma ameaça que ainda está por vir. Tais estados se sobrepõem e se diferenciam ao mesmo tempo, sendo o medo associado a pensamentos de perigo iminente onde se faz necessária a luta ou fuga da situação, e a ansiedade sendo caracterizada como a tensão muscular e vigilância em relacionada a um perigo futuro e comportamentos de cautela ou esquiva. Às vezes, o nível de medo ou ansiedade é reduzido por comportamentos constantes de esquiva como os ataques de pânico, que são uma resposta ao sentimento de medo. (APA, 2014)

Ambos os transtornos, depressivos e de ansiedade, podem se manifestar nos indivíduos LGBT+ como uma resposta a toda repressão sofrida ao longo dos anos, advindas de amigos, familiares e parceiros afetivos. (PEDRA, 2018). Manifestam-se separadas ou concomitantemente a outros transtornos, necessitando de acompanhamento psicológico e psiquiátrico, pois seus sintomas mais comuns são isolamento, mudanças bruscas de humor, explosões de raiva voltada para si e para os outros, sofrimento excessivo e preocupação disfuncional em relação ao futuro, medo e pesadelos em relação a separação. (APA, 2014).

O papel do psicólogo neste contexto não é enquadrar o indivíduo em uma identidade fixa, mas consiste em fornecer subsídios para que o indivíduo LGBT+ possa expressar seus sentimentos em relação as situações vivenciadas e as dificuldades enfrentadas no seu dia a dia com liberdade, possibilitando assim o estabelecimento de uma conexão de confiança entre o paciente e o terapeuta, que é fundamental para o bom andamento da psicoterapia. Com o passar das sessões o terapeuta e o paciente trabalharão na construção desse vínculo que os possibilitará caminhar lado a lado rumo ao bem-estar psicológico do paciente, permitindo possibilidades e outras configurações deste sujeito. (PEDRA, 2018). O objetivo do atendimento clínico voltada ao público LGBT+ não deve ser voltado a fazer o indivíduo homoafetivo viver feliz apesar de sua orientação sexual, e sim por causa dela, para que se aceitem, tenham orgulho de quem são e apreciem suas diferenças. (CASTAÑEDA, 2007).

De acordo com Pedra (2018), Pereira, Leal (2005) e Mayer (1995), a estigmatização e o preconceito internalizado são fatores agravantes do sentimento de inferioridade que muitos LGBT+ tentam afastar de si. Para Bastos, Garcia e Sousa (2017), o preconceito é contra a diversidade afetiva é uma realidade a ser combatida. Ainda hoje, os indivíduos LGBT+ carregam estigmas antigos sobre a forma como devem se portar, o que eles podem e não podem fazer em público, o que devem ou não vestir, e tais estigmas podem ser mais difíceis de desconstruir do que outros, pois a todo um rotulo normativo que é imposto de forma subliminar. Todos estes fatores limitantes podem causar isolamento por medo de não ser socialmente aceito, de sofrer retaliações, o que acarreta ansiedade, principalmente se tal indivíduo já sofreu preconceito anteriormente. Em relação a esfera afetiva, alguns indivíduos LGBT+ podem sentir que necessitam se portar de forma diferente para que o parceiro se sinta atraído, sendo menos ou mais chamativo dependendo do caso, o que gera um sentimento de insuficiência antes e durante as relações, pois manter um comportamento que não condiz com o seu se torna cansativo e frustrante com o passar do tempo.

Castañeda (2007) e Pedra (2018) apresentam transtornos como depressão e ansiedade nos indivíduos LGBT+ pela internalização de atitudes preconceituosas, transtornos esses que são mais bem contextualizados no DSM-V, por APA (2014), e como pode ser feito o acompanhamento desses indivíduos. Os transtornos mentais acarretam perturbações aos indivíduos, trazendo problemas nas relações externas e na relação entre o indivíduo e o próprio corpo, sendo o transtorno depressivo e o transtorno de ansiedade generalizada dois dos transtornos mais comuns não só em indivíduos LGBT+. O transtorno depressivo maior se caracteriza por tristeza profunda, fadiga, desânimo em relação a atividades que antes lhe eram prazerosas, entre outros sintomas, já o transtorno de ansiedade generalizada pode trazer medo exagerado em relação a situações presentes e ansiedade exagerada em relação ao futuro, assim como o medo do abandono. Ambos os transtornos tornam o dia a dia dos indivíduos pesarosos, podendo acarretar pensamento suicidas, mutilações e outros transtornos concomitantes. Neste sentido, o papel do psicólogo é proporcionar

um ambiente seguro para que o indivíduo LGBTQ+ possa se expressar e assim aceitar-se como é, cuidando de sua saúde mental.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das concepções adquiridas através das pesquisas relacionadas aos indivíduos LGBTQ+ nas principais esferas afetivas e sociais em que estes indivíduos estão inseridos, pôde-se concluir que as dificuldades pelas quais eles passavam décadas atrás ainda se mostram presentes na atualidade, mesmo que por vezes se apresentem de modo sutil. Infelizmente tais indivíduos ainda sofrem com o preconceito e a discriminação, que não se podem justificar através da falta de informação visto que respeito é algo básico, que deve ser posto em prática na vida diária. A luta por direitos efetivos pouco a pouco colhe vitórias, entretanto ainda aparenta possuir um longo caminho a ser percorrido.

As relações familiares se mostraram um dos fatores principais, influenciando o comportamento do indivíduo a partir das primeiras interações sociais, que ocorrem na família, de forma a afetar o bem-estar, as relações com os demais grupos sociais, a saúde física e mental do presente para o futuro. Elucidou-se como o apego e o rompimento do vínculo da imagem idealizada de um filho quando este assume a sua homoafetividade, pode ser um fator transformador que inicia uma cadeia de preconceitos e segregações vividas nos demais círculos sociais, confirmando, assim, as hipóteses e objetivos estabelecidos no início desta pesquisa.

É importante destacar também a relevância do acompanhamento psicológico no contexto LGBTQ+, tanto com seu foco voltado para a manutenção da saúde mental, da autoestima e da autoaceitação deste indivíduo, quanto para a prevenção e tratamento de patologias como depressão e ansiedade, advindas da violência física e principalmente psicológica em qualquer grau. É no acompanhamento psicoterápico que o sujeito encontra um ambiente seguro e acolhedor, que proporciona uma caminhada pelo autoconhecimento, o levando a identificação das suas dificuldades e traumas, que serão trabalhados juntamente com o terapeuta em prol de trazer alívio e entendimento acerca destes conflitos.

Por fim, se faz necessário que ainda mais pesquisas relacionadas aos indivíduos LGBTQ+, as diversas orientações afetivas, as lutas por aceitação e as influências do preconceito para com a afetividade sejam realizadas, para que assim a temática se torne cada vez mais difundida tanto a nível informativo da população em geral, com a intenção de desmistificar e enfatizar o respeito pelas diferenças, quanto a nível acadêmico em todas as modalidades de ensino superior, tornando-se ainda mais indispensável nas graduações de Psicologia, de onde devem sair profissionais com um arca bolso teórico vasto que proporcione aos mesmos a atuação com ética e respeito para com qualquer indivíduo.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, R. E. A. Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal. **Psicologia**, Lisboa, v. 26, n. 1, 2012. ISSN 0874-2049. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492012000100002> Acesso em: 15 ago 2020.

APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BASTOS, G. G. E. A. A homofobia em discurso: Direitos Humanos em circulação. **Linguagem em (dis)curso**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 11-24, abril 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-170101-0416>

BLUMENFELD, W. **Homofobia**: Como todos pagamos o preço. Boston: Beacon Press, v. 1, 1992.

BORRILLO, D. **Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio**. 1. ed. Brasília: Letras Livres, 2009.

BORRILLO, D. **Homofobia - História e crítica de um preconceito**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, v. 1, 2010.

BOWLBY, J. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 37-50, 1989.

CASSIDY, J. **The nature of the child's tie**. Nova York: The Guildford Press, 1999.

CASTAÑEDA, C. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. São Paulo: A Girafa Editora 2007.

CHAUNCEY, G. Depois de Stonewall, a mudança da fronteira entre o "eu" público e o "eu" privado. **Revista européia de história social**, v. 3, p. 45-59, 2002.

COSTA, Â. B. E. A; NARDI, E. C.. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. **Temas em Psicologia**. v. 23, n. 3, Ribeirão Preto, setembro 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751492015.pdf>> Acesso em 17 out. 2020.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, v. 1, 1988.

FURLANI, J. Gêneros e sexualidades – problematizando a educação e processos de produção de conhecimento. **Periódicos UFSC**, v. 12, n. 2, p. 45-55, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18682>> Acesso em 15 dez. 2020..

GONÇALVES, T. R. E. S. Avaliação de apoio social em estudos brasileiros: aspectos conceituais e instrumentos. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 16, n. 3, Rio de Janeiro, março 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000300012>

GONSIORREK, J. C. **The empirical basis for the demise of the illness model of homosexuality**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1991.

INTERDONATO, G. L. E. A. **Trans-identidade: a transexualidade e o ordenamento jurídico**. 1. ed. [S.l.]: Appris, v. 1, 2017.

MEYER, I. H. Estresse minoritário e saúde mental em homens gays. **Jornal de Saúde e Comportamento Social**, Nova York, v. 36, n. 1, p. 38-50, Março 1995.

MOREIRA, A. J. Cidadania sexual: postulado interpretativo da igualdade. **Revista Direito, Estado e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 10-20, 2016. Disponível em: <<http://direitoestadosociedade.jur.puc-rio.br/media/Direito%2048%20-%20artigo%201.pdf>> Acesso em 12 ago. 2020.

MOREIRA, A. J. **Cidadania sexual: estratégia para ações inclusivas**. Belo Horizonte: Arraes editores, 2017.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PEDRA, C. B. Direitos LGBT: A LGBTfobia estrutural na arena jurídica. **Repositório UFMG**, Minas Gerais, v. 25, n. 1, p. 35-70, 2018.

PEREIRA, H. M. E. A. Medindo a homofobia internalizada: A validação de um instrumento. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 23, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v23n3/v23n3a10.pdf>> Acesso em 15 dez. 2020.

RESENDE, L. D. S. Homofobia e violência contra a população LGBT no Brasil: Uma revisão narrativa. **Saúde Coletiva - Campus UnB Ceilândia**, Monografia (Bacharelado em Saúde Coletiva), Brasília, 2016.

RIVERS, I. O bullying de minorias sexuais na escola: sua natureza e longo prazo se correlacionam. **Psicologia Educacional e Crianças**, v.18, p. 32-46, janeiro 2001.

SAVIN-WILLIAMS, R. C. E. A. The lives of lesbians, gays, and bisexuals: Children to adults. **Harcourt Brace College Publishers**, v. 1, n. 1, p. 20-71, 1996.

TAKÁCS, J. **Social Exclusion of Young Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender (LGBT) People in Europe**. v. 1, p. 35-50, 2006. Disponível em: <https://www.ilga-europe.org/sites/default/files/Attachments/social_exclusion_of_young_lesbian_gay_bisexual_and_transgender_people_lgbt_in_europe_april_2006.pdf> Acesso em 12 nov. 2020.

VALA, J. E. A. Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. **Psicologia Social**, Fundação Calouste Gulbenkian. 6. ed, p. 450-502, Lisboa, 2004.

Recebido em: 10/08/2021

Aceito em: 20/08/2021

Publicado em: 01/09/2021

PRINTES, B. M.; MUNER, L. C. *Entre laços e preconceitos o indivíduo LGBT+ em contexto social:*